

O comandante e os valores militares

Gen Ex R1 Marco Antônio Freire Gomes*

Feliz iniciativa do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) em escolher esse tema e relacioná-lo, de forma muito oportuna e pertinente, aos 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva (1803/1880), o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro. Ao compor o quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, o Departamento ratifica a importância da **Liderança Militar**, que, acertadamente e de longa data, consta dos diversos currículos de nossas escolas de formação, aperfeiçoamento e altos estudos.

Trata-se de atributo imprescindível a ser buscado, identificado e avaliado nos comandantes de todos os escalões e que tem, na história militar, uma fonte inesgotável de valores militares materializados em exemplos que foram decisivos para o sucesso nos campos de batalha. No dia a dia de nossas organizações militares, o exercício da **liderança** viabiliza a obtenção de resultados eficazes e incrementa o desempenho da gestão, sempre em proveito das metas e objetivos traçados nos diversos níveis de comando. Assim, com muita honra e satisfação, agradeço a oportunidade de poder contribuir, com este breve artigo, para a preservação de nossos mais caros valores e para o aprimoramento profissional de novos líderes militares.

* General de exército oriundo da arma de cavalaria, da turma de 1980. Além dos cursos brasileiros da carreira militar, realizou o Intercâmbio de Forças Especiais (7º SF Group – EUA), os cursos de Gerenciamento de Crises e de Contraterrorismo e Coordenação Interagências (UDN – EUA), além do curso de Senior Mission Leader (ONU – Egito). Foi instrutor da AMAN (SIEsp), observador militar na Nicarágua, comandante do 1º Batalhão de Ações de Comandos – Batalhão Capitão Francisco Padilha, 1º subchefe do COTER, comandante da Brigada de Operações Especiais e do Comando de Operações Especiais, comandante da 10ª Região Militar – Região Martim Soares Moreno, secretário-executivo do Gabinete de Segurança Institucional e comandante militar do Nordeste. Foi comandante do Exército entre março e dezembro de 2022.



Revista Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1953.

Inicialmente, permitam-me uma breve referência, para reflexão de todos, em especial dos mais jovens, sobre o que consta das palavras introdutórias de um de nossos manuais de campanha que tratam de princípios de chefia: “A guerra, por mais complexa que se torne, será sempre conduzida por homens; vencem-na, juntos, o homem que comanda e os homens que são comandados. Todo militar deve ser um chefe ou estar preparado para tal mister.”

A literatura é vasta, porém apresenta esse conceito de forma sempre similar:

“

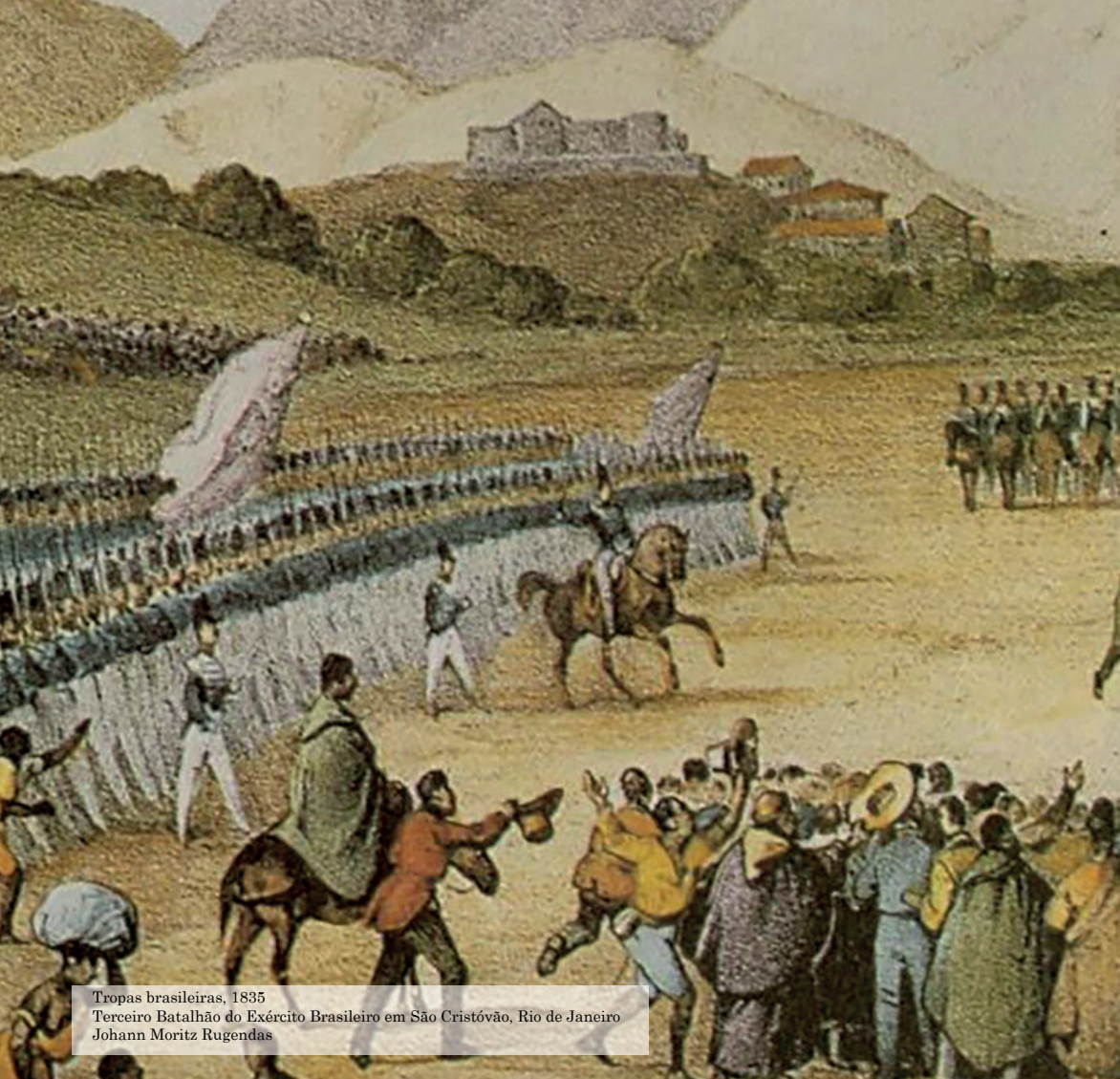
Consiste em processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em cada situação.
(BRASIL, 2011)

”

Assim sendo, no escopo do assunto proposto, torna-se necessário ir ao passado, a fim de rememorar e difundir às gerações atuais e futuras uma síntese de fatos e exemplos marcantes protagonizados pelo inigualável e admirável “Pacificador”, cuja trajetória confunde-se com boa parcela de nossa própria história nacional.

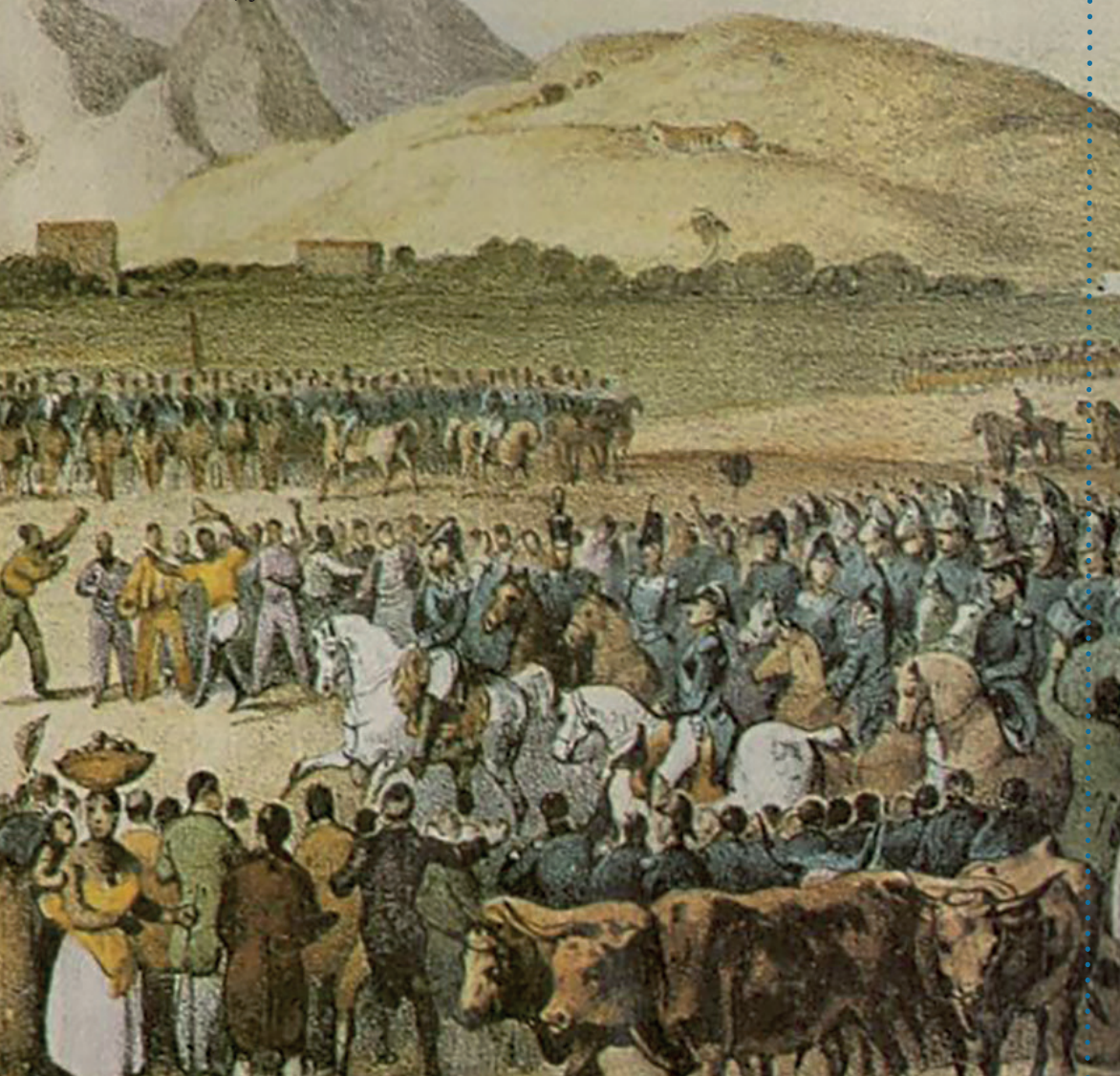
Nos seus 76 anos de vida, Caxias caracterizou-se como militar, político e monarquista exemplar. A vocação para a carreira das armas ficou patenteada ao ingressar, em 1818 e aos 15 anos, na Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, onde teve início sua coletânea de atributos, notadamente a liderança, que foram, sucessivamente, sendo observados e reconhecidos.

Em janeiro de 1823, como integrante do Batalhão do Imperador, atual 1º Batalhão de Guardas (Rio de Janeiro/RJ), esteve na Bahia para combater tropas portuguesas, leais à Coroa, que não aceitaram a Independência do Brasil. Foi destemido e valoroso nos três ataques aos portugueses e liderou uma incursão a uma casamata inimiga. Ainda com 20 anos, foi promovido a capitão, no início de 1824. Em 1827, fez parte das forças imperiais brasileiras na Guerra da Cisplatina. No ano seguinte, ao término da guerra, o Uruguai alcançou a sua independência, pondo fim à pretensão de se reestabelecer o antigo Vice-Reino do Prata.



Tropas brasileiras, 1835
Terceiro Batalhão do Exército Brasileiro em São Cristóvão, Rio de Janeiro
Johann Moritz Rugendas

Já como major, em 1831, presenciou forte oposição ao imperador D. Pedro I com tropas do Exército no Campo de Santana/RJ e a adesão de seu pai e tio, também militares, ao movimento. De acordo com Francisco Doratioto (2002), o imperador teria perguntado ao militar de que lado estaria e recebido como resposta que, entre o amor por seu pai e seu dever com a Coroa, ficaria com a segunda opção. Segundo pesquisadores, o monarca, apesar de ter demonstrado satisfação pela manifestação de lealdade, na tentativa de evitar derramamento de sangue, pediu a Luiz Alves que se juntasse com os rebeldes no Campo de Santana, juntamente com o batalhão.



Muito tempo depois, como senador, Caxias proferiu as seguintes palavras no Senado do Império:

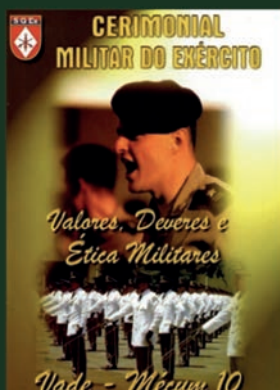
Eu marchei junto com o Batalhão do Imperador para o Campo de Santana por devoção a ordens competentes. Eu não era revolucionário. Eu estimava a abdicação. Julguei que ela seria vantajosa para o Brasil, mas eu não concordo direta ou indiretamente com ela. (CARVALHO, 1976, p. 46)

Durante o Período Regencial em que seu pai foi um dos regentes, teve início a longa e respeitosa amizade entre D. Pedro II e o major Luiz Alves, que, na minoridade do príncipe regente, foi seu mestre de armas e instrutor de esgrima e hipismo. Sua destacada e reconhecida capacidade operacional e de liderança, já agora com viés de Pacificador e de Unidade Nacional, foram vitoriosas na Balaiada, no Maranhão (1838-1841), nas Revoltas Liberais em São Paulo e Minas Gerais (1842) e na Revolução Farroupilha (1835-1845). Sem dúvida, a revolta no sul do Império foi uma de suas mais difíceis missões, mesmo porque alguns familiares apoiaram a revolta, que durou 10 anos. Foi promovido a tenente-coronel em 1837, a coronel em 1839 e, fruto do excelente desempenho no Maranhão, D. Pedro II o promoveu a general-brigadeiro, em 1841, e concedeu-lhe o título de Barão de Caxias. Em 1846, foi então eleito senador após 23 anos envolvido em operações militares e crises internas.

Aproveitando essa pausa temporária de militar para político, sugiro ao leitor e aos comandantes em todos os escalões, uma reflexão sobre as contribuições do patrono do Exército à liderança, valores, deveres e ética militares vigentes no Exército Brasileiro. Uma linha de ação é comparar os testemunhos e fatos narrados, até o momento, com o conteúdo do *Vade-Mécum Nr 10*, disponibilizado pela Secretaria-Geral do Exército.

Faço essa referência por considerar que a observância e o culto ao preconizado na referida publicação devam ser pré-requisitos para todo soldado do nosso Exército. Seu valioso e detalhado conteúdo deve ser objeto de ampla instrução nas organizações militares, especialmente como leitura e fonte de consulta permanente pelos quadros.

Cabe ressaltar a importância dada ao assunto por diversos estudos, os quais apontam que, dentre os principais valores da liderança militar, destacam-se: o conhecimento, o planejamento, o exemplo, a coragem, a inteligência, a dedicação, a integridade, a lealdade, a decisão, a imparcialidade e a iniciativa. Certamente podemos identificar, ao conhecermos os feitos de Caxias, todas essas características, que sempre acompanharam o estadista e o soldado.



VALORES MILITARES

Patriotismo
Civismo
Fé na missão do Exército
Amor à profissão
Espírito de corpo
Aprimoramento técnico-profissional

DEVERES MILITARES

Dedicação e fidelidade à Pátria
Culto aos Símbolos Nacionais
Probidade e lealdade
Disciplina e respeito à hierarquia
Rigoroso cumprimento dos deveres e ordens
Trato do subordinado com dignidade

ÉTICA MILITAR

Sentimento do Dever
Honra Pessoal
Pundonor Militar
Decoro da Classe

Pela Pátria, em 1851, Caxias retornou às operações militares, desta vez na Guerra do Prata. Como comandante-geral das Forças Terrestres do Brasil, liderou uma aliança, formada pelo Brasil, Uruguai e as províncias rebeldes de Corrientes e Entre Rios, contra o ditador argentino Juan Manuel de Rosas. Caxias perseguia a vitória e, em 3 de fevereiro de 1852, derrotou Rosas na Batalha de Monte Caseros, na Argentina. Mais uma vez, D. Pedro II reconheceu o seu valor em combate e o promoveu a tenente-general, concedendo-lhe o título de marquês pela inabalável lealdade à Coroa.

Caxias foi presidente do Maranhão (1840/1841); presidente de São Pedro do Rio Grande do Sul (1842/1846); senador do Império pelo Rio Grande do Sul (1846); ministro da Guerra do Brasil (1855/1857); presidente do Conselho de Ministros (1856/1857); e promovido a marechal de exército, a mais alta patente existente, à época, em 2 de dezembro de 1862.

Além das operações reais de combate na Bahia, Guerra da Cisplatina, Balaiada, Revoltas Liberais de São Paulo e Minas Gerais, Revolução Farroupilha, Guerra do Prata, merece ser abordada, como epílogo deste artigo, a Guerra da Tríplice Aliança. Em dezembro de 1864, Francisco Solano López, ditador paraguaio, com seu projeto de potência regional, determinou a invasão da Província de Mato Grosso e, em seguida, suas tropas ocuparam Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Com a presença do imperador e Caxias na área de operações, em meados de 1865, os paraguaios, após cercados, foram derrotados e deixaram a cidade. Assim, teve início a Guerra da Tríplice Aliança e, em abril de 1866, o Paraguai foi invadido por tropas brasileiras, argentinas e uruguaias.

Aos 63 anos, idade já considerada avançada à época, Luiz Alves foi nomeado, em outubro de 1866, comandante das Forças Brasileiras. Ao tomar ciência da nomeação, exclamou à esposa que havia aceitado o cargo porque *“o conflito era um mal que havia alcançado mais ou menos todos, do imperador ao escravo mais desafortunado”* (SALLES, 2003, p. 86).

Ao ser nomeado, no período de outubro de 1866 a julho de 1867, o Marquês de Caxias interrompeu as operações em curso. Durante esses meses, dedicou-se à instrução dos soldados e capacitação de oficiais, além do reequipamento das tropas com armas novas. Adicionalmente, preocupou-se com a eliminação das epidemias e, para tanto, investiu na melhoria das unidades médicas e da higiene da tropa.

Retornou ao combate e, de imediato, cercou e ultrapassou a fortaleza de Humaitá e venceu, uma após outra, no período conhecido como “Dezembrada”, as Batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Essas manobras destruíram o Exército Paraguaio e abriram as vias de acesso até Assunção, onde, aos 65 anos, chegou vitorioso em 1º de janeiro de 1869. Não se pode deixar de recordar o decisivo combate na ponte sobre o rio Itororó, na qual a forte resistência paraguaia repeliu cinco ataques da Aliança. Caxias, ao pressentir a derrota, interveio, pessoalmente, e, à frente das tropas, bradou a célebre frase: Sigam-me os que forem brasileiros!”

Venceu!

Registra a história que, ao seu lado, jaziam vários militares e o seu próprio cavalo. Nesse conflito, de abril de 1866 a janeiro de 1869, foram perpetuados e são cultuados até hoje – e assim serão – os mais belos exemplos de liderança, ação de comando, valores, deveres e ética militar da história do Exército Brasileiro. Impossível abordar, apenas nessas laudas, a grandeza de todos cuja bravura, abnegação e amor ao Brasil, detalhadas, com riqueza e realismo, no livro *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira, editado pela BIBLIEx, que recomendo para a leitura, particularmente pelos comandantes em todos os níveis.

Cabe destacar, por oportuno, as inúmeras e louváveis ações que, ao longo do tempo, inclusive esta iniciativa do DECEEx, buscam eternizar os feitos de nossos heróis, tais como a criação do Dia do Soldado, em 1923, o título de patrono do Exército, em 1962, bem como a designação, com muita pertinência, dos patronos das armas, quadros e serviços.

Curioso lembrar que boa parcela de nossos patronos e heróis tiveram o privilégio de compartilhar com Caxias muitos dos momentos históricos que os imortalizaram. Com digna trajetória, como soldado e cidadão, e “missão” de uma vida inteira muito bem cumprida, faleceu em 7 de maio de 1880, em Valença/RJ. Descansa em paz, junto com a esposa, no *Pantheon* de Caxias, em frente ao Comando Militar do Leste (CML) e ao lado do eterno e histórico Campo de Santana.

O “Duque” tem sido – e assim será – objeto de culto, fonte de referência e aprofundado estudo, por parte de oficiais e praças, particularmente comandantes, no que se refere ao atributo liderança e aos valores militares, dentre tantos outros evidenciados por Caxias em proveito do Brasil. Em sua obra *A Arte de Ser Chefe*, Gaston Courtois preconiza:

Reconhece-se o verdadeiro chefe por este sinal: sua simples presença é, para os homens que ele dirige, um estímulo para se superarem a serviço da causa comum. Substitua-se ‘presença’ por ‘lembrança’ e teremos o grande chefe. (COURTOIS, 1984, p. 19)

Tomo a liberdade de substituir o termo “grande chefe” por líder militar e, nesse sentido, Caxias, nosso maior patrono, personifica o exato significado e a grandeza de um verdadeiro chefe militar. Sua existência foi marcada por sacrifícios e glórias que devemos reverenciar. Seu exemplo de dedicado e incansável compromisso em servir à pátria e ao seu Exército tem sido o farol e o elo que balizam e unem gerações de militares, que, no dia a dia das casernas, cumprem, de forma anônima e desinteressada, seu papel institucional, sempre no intuito de defender a nação. É um orgulho imenso fazer parte do “Invicto Exército de Caxias”.

Parabéns ao DECEEx, que, na iminência de comemorarmos os 220 anos do nascimento de um de nossos maiores heróis, presta esta adequada e justa homenagem ao incluir a memória e a história de Caxias no quarto volume dos *Cadernos de Liderança Militar*.

“Caxias Vive!”

Referências

BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 20-10: *Liderança Militar*. 2. ed. Brasília, DF, 2011.

CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

COURTOIS, Gaston. *A arte de ser chefe*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

DORATIOTTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: memórias & imagens*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003.

Ordem do
Dia do Exército 2022

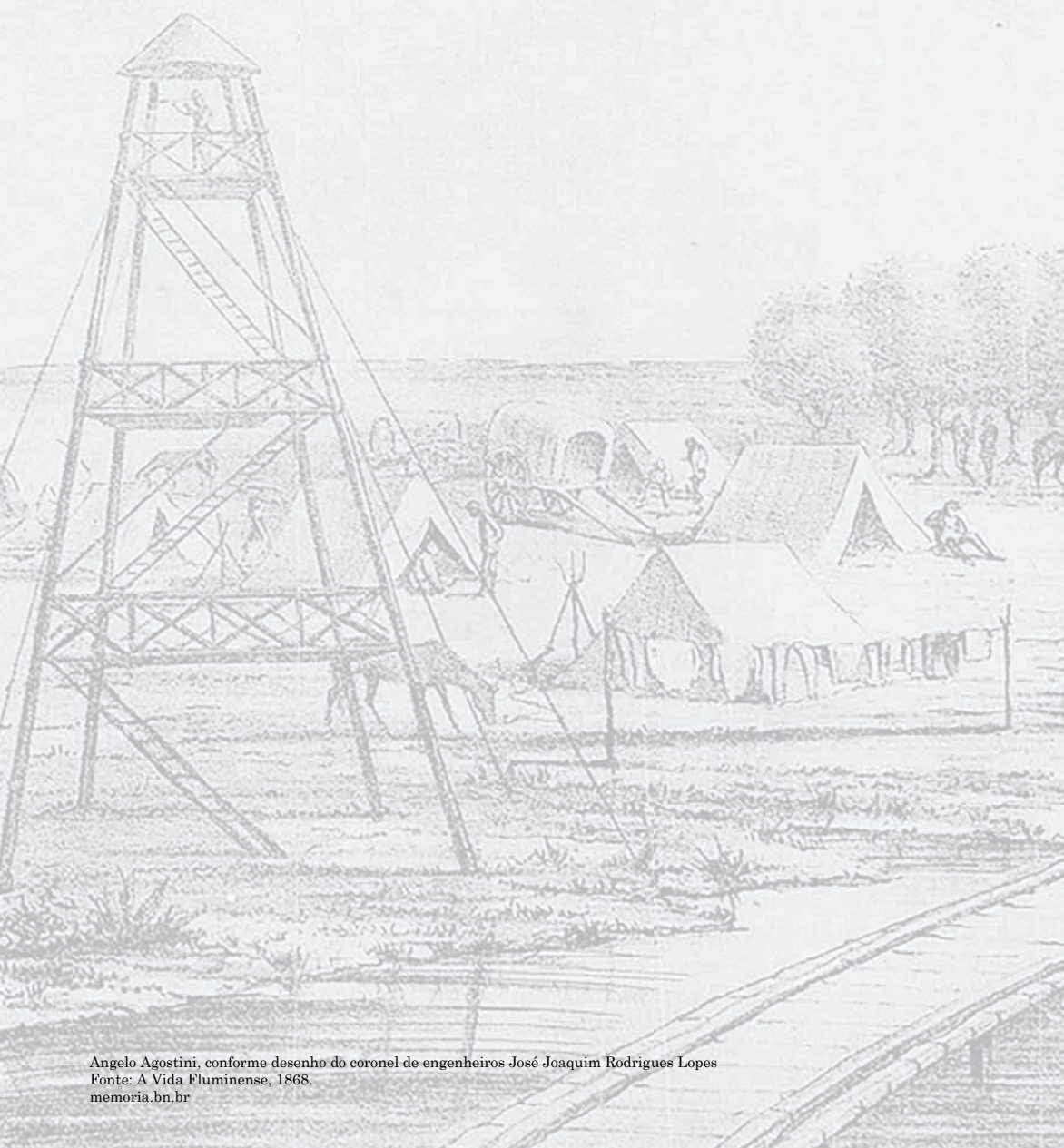


Ordem do
Dia do Soldado 2022



200 anos
de Independência





Angelo Agostini, conforme desenho do coronel de engenheiros José Joaquim Rodrigues Lopes
Fonte: A Vida Fluminense, 1868.
memoria.bn.br